



**O FATO NOVO
DO SULTÃO
E OUTROS CONTOS**

Guerra Junqueiro



 *fábula*

ÍNDICE

O FATO NOVO DO SULTÃO	11
BOA SENTENÇA	21
JOÃO PATETA	25
O CHAPELINHO ENCARNADO	31
BRANCA DE NEVE	39
O VALENTE SOLDADO DE CHUMBO	51



Era uma vez um sultão, que despendia em vestuário todo o seu rendimento.

Quando passava revista ao exército, quando ia aos passeios ou ao teatro, não tinha outro fim senão mostrar os seus fatos novos. Mudava de traje a todos os instantes, e como se diz de um rei: «Está no conselho», dizia-se dele: «Está-se a vestir.» A capital do seu reino era uma cidade muito alegre, graças à quantidade de estrangeiros que por ali passavam; mas chegaram lá um dia dois larápios que, dando-se por tecelões, disseram que sabiam fabricar o estofado mais rico que havia no mundo. Não só eram extraordinariamente belos os desenhos e as cores, mas, além disso, os vestuários feitos com esse estofado possuíam

uma qualidade maravilhosa: tornavam-se invisíveis para os idiotas e para todos aqueles que não exercessem bem o seu emprego.

«São vestuários impagáveis», disse consigo o sultão. «Graças a eles, saberei distinguir os inteligentes dos tolos e reconhecer a capacidade dos ministros. Preciso desse estofos!»

E mandou em seguida adiantar aos dois charlatões uma quantia avultada, para que pudessem começar os trabalhos imediatamente.

Os homens levantaram com efeito dois teares, e fingiram que trabalhavam, apesar de não haver absolutamente nada nas lançadeiras. Requistavam seda e ouro fino a todo o instante; mas guardavam tudo isso muito bem guardado, trabalhando até à meia-noite com os teares vazios.

«Preciso saber se a obra vai adiantada.»

Mas tremia de medo ao lembrar-se que o estofos não podia ser visto pelos idiotas. E, apesar de ter confiança na sua inteligência, achou prudente, em todo o caso, mandar alguém adiante.

Todos os habitantes da cidade conheciam a propriedade maravilhosa do estofos e ardiam em desejos de verificar se seria exato.

«Vou mandar aos tecelões o meu velho ministro», pensou o sultão. «Tem um grande talento, e por isso ninguém pode melhor do que ele avaliar o estofos.»

O honrado ministro entrou na sala em que os dois impostores trabalhavam com os teares vazios.

«Meu Deus!», disse ele consigo, arregalando os olhos. «Não vejo absolutamente nada!»

Mas, no entanto, calou-se. Os dois tecelões convidaram-no a aproximar-se, pedindo-lhe a sua opinião sobre os desenhos e as cores. Mostraram-lhe tudo, e o velho ministro olhava, olhava, mas não via nada, pela razão simplicíssima de nada lá existir.

«Meu Deus!», pensou ele. «Serei realmente estúpido? É necessário que ninguém o saiba!... Ora esta! Pois serei tolo realmente! Mas lá confessar que não vejo nada, isso é que eu não confesso.»

— Então que lhe parece? — perguntou um dos tecelões:

— Encantador, admirável! — respondeu o ministro, pondo os óculos. — Este desenho... estas cores... magnífico!... Direi ao sultão que fiquei completamente satisfeito.

«Muito agradecido, muito agradecido», disseram os tecelões; e mostraram-lhe cores e desenhos imaginários, fazendo-lhe deles uma descrição minuciosa. O ministro ouviu atentamente, para ir depois repetir tudo ao sultão.

Os impostores requisitavam cada vez mais seda, mais prata e mais ouro; precisavam-se

quantidades enormes para este tecido. Metiam tudo no bolso, é claro; o tear continuava vazio, e apesar disso trabalhavam sempre.

Passado algum tempo, mandou o sultão um novo funcionário, homem honrado, a examinar o estofó e ver quando estaria pronto. Aconteceu a este enviado o que tinha acontecido ao ministro: olhava, olhava e não via nada.

— Não acha um tecido admirável? — perguntaram os tratantes, mostrando o magnífico desenho e as belas cores, que tinham apenas o inconveniente de não existir.

«Mas que diabo! Eu não sou tolo!», dizia o homem consigo. «Pois não serei eu capaz de desempenhar o meu lugar? É esquisito! Mas deixá-lo, não o deixo eu.»

Em seguida elogiou o estofó, significando-lhes toda a sua admiração pelo desenho e o bem combinado das cores.

— É de uma magnificência incomparável — disse ele ao sultão.

E toda a cidade começou a falar desse tecido extraordinário.

Enfim o próprio sultão quis vê-lo enquanto estava no tear. Com um grande acompanhamento de pessoas distintas, entre as quais se contavam os dois honrados funcionários, dirigiu-se para

as oficinas, em que os dois velhacos teciam continuamente, mas sem fios de seda, nem de oiro, nem de espécie alguma.

— Não acha magnífico? — disseram os dois honrados funcionários. — O desenho e as cores são dignos de Vossa Alteza.

E apontaram para o tear vazio, como se as outras pessoas que ali estavam pudessem ver alguma coisa.

«Que é isto!», disse consigo mesmo o sultão. «Não vejo nada! É horrível! Serei eu tolo, incapaz de governar os meus estados? Que desgraça que me acontece!» Depois, de repente, exclamou:

— É magnífico! Testemunho-vos a minha satisfação.

E meneou a cabeça com um ar satisfeito e olhou para o tear, sem se atrever a declarar a verdade. Todas as pessoas do seu séquito olharam do mesmo modo, uns atrás dos outros, mas sem ver coisa alguma, e no entanto repetiam como o sultão:

— É magnífico!

Até lhe aconselharam que se apresentasse com o fato novo no dia da grande procissão.

— É magnífico! É encantador! É admirável! — exclamavam todas as bocas, e a satisfação era geral.

Os dois impostores foram condecorados e receberam o título de fidalgos tecelões.

Na véspera do dia da procissão, passaram a noite em claro, trabalhando à luz de dezasseis velas.



HISTÓRIAS ANTIGAS PARA NOVOS LEITORES

Os contos presentes neste livro são retirados da obra *Contos para a Infância*, publicada em 1877, por Guerra Junqueiro. Apesar de não serem da sua autoria, mas sim adaptações de histórias tradicionais, nelas estão patentes as preocupações pedagógicas, sociais e culturais deste autor. Os valores subjacentes – a bondade, a justiça, a solidariedade, a honestidade, a gratidão, entre outros – são transmitidos de forma simples e construtiva.

As ilustrações bem-humoradas de Elias Gato são o complemento perfeito destes textos que têm sido apreciados por várias gerações de leitores.



fábula

imagina descobre voa

20|20 editora

ISBN 978-989-564-029-4

9+



9 789895 640294

Literatura Juvenil